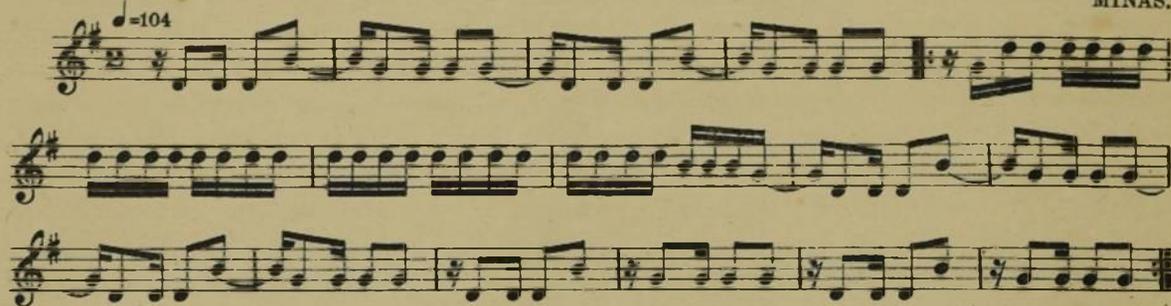


Desafio

de Violeiro.

MINAS.



Cachorro que engole osso
Nalguma coisa se fia
Quando eu topo muié veia
Dou benção e chamo tia
Caititú de mato grosso
Corre mais do que cotia.

Quando eu topo muié veia }
Dou benção e chamo tia. } bis.

Desafio

NORDESTE.



Seu Mané do Ri.a . ção Que pe.ca.do são os seu! Um a . no tão bom d'in.ver.no Seu ri . a.chão cor . reu!

Cabeceira:

Seu Mané do Riachão
Que pecado são os seu!
Um ano tão bom de inverno
Seu riacho não correu!

Riachão:

Meu riacho não correu
Lhe digo, meu cavalheiro,
E que as chuvas foram pouca
Pra cima, prá's cabeceira.

Desafio entre os celebres cantadores Mané do Riachão e Cabeceira.
Notar a deliciosa exatidão modulatoria da peça, sem que por isso ela perca o caracter brasileiro.

Desafio a Manué do Riachão

Quasi recitativo.

PERNAMBUCO.



Seu Manué do Ri.a . ção, In.da vou lhe per.gun.tá,

O que é que os ó.io vê Que a mão não pode pe.gá.

Seu Manué do Riachão,
Inda vou lhe pergunta,
O que é que os óio vê
Que a mão não pode pegá?

Ou é o Sol ou é a Lua.
Ou as estrela ou a fumaça,
Ou é qualquer obijeto
Trancado numa vidraça.

Esta melopea magnífica de malinconia, parece ter pertencido a êsse cantador famanadíssimo que foi Manué do Riachão. É muito comum deante de certos cantos do nordeste a perplexidade

do coletor, tal a liberdade e a subtileza do *laissez aller* ritmico com que a gente de lá canta. Cantam com a subtileza ritmica de quem está falando, com a maxima despreocupação. É muito possível que nessa gente do nordeste cantando dêsse geito, em contraste decidido com a ritmica isoladamente musical estabelecida pela musica europea desque criou os valores de tempo musical e o compasso, é muito possível que nesses nordestinos a gente vá encontrar uma reprodução contemporanea da maneira de cantar dos rapsodos gregos ou do canto cristão primitivo. Com efeito se dá neles uma união absoluta da musica e da palavra falada, de formas a tornar impossível uma fixação ritmico-musical isolada. É a maneira de falar, natural e despreocupada, que determina ás vezes em absoluto a sucessão dos sons da melodia. Ora como a fala despreocupada nem sempre se realiza exatamente da mesma forma ao repetir a mesma frase pelo fato mesmo de ser despreocupada, sucede pois que repetindo a mesma melodia com o mesmo texto, o cantador já não ritmou exatamente da mesma maneira da primeira vez. Quanto mais si o texto varia! Na verdade a segunda quadra que consignei *Ou é o sol* etc. já requeria nova ritmisação da melopea. Se dá pois em muitos desses cantos um rubato constante e subtil, maravilhosamente variado. Aqui é bem esse, o caso. Qualquer e minima rigidez estraga por completo uma peça assim. Evidentemente se trata duma musica, primitiva ainda sob o ponto-de-vista artistico, quero dizer, ainda interessada em que a significação das palavras é que tem importancia decisiva e absoluta. O que não impede que justamente por causa dêsse desequilibrio os nossos nordestinos cantadores tenham atingido uma riqueza prodigiosa de liberdade ritmica.

Chula Paroara

AMAZONIA.

$\text{♩} = 84$

Se - nho - ra dona Te - re - za Fui on - tem desem - pre - ga - do O fei - jão es - tá mu - i - to
ca - ro E a car - ne seca é fi - dal - ga! Dou - lhe u - ma, dou - lhe duas, dou - lhe tres, Sinhá Te -
re - za não me pega desta vez! Sinhá Te - re - za me fez das suas, Pegou - me a roupa, jogou na ru - a!

Senhora dona Tereza
Fui ontem desempregado } *bis*
O feijão está muito caro
E a carne seca é fidalga! } *bis*

Dou - lhe uma, dou - lhe duas, dou - lhe tres,
Sinhá Tereza não me pega desta vez!
Sinhá Tereza me fez das suas,
Pegou - me a roupa, jogou na rua!